

AUGUSTO CURY

28 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

O autor mais lido da década

O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA

*A épica jornada de Marco Polo,
um cientista ateu,
para desvendar a fascinante
mente de Jesus*



SEXTANTE

DEDICO ESTE LIVRO A ALGUÉM ÚNICO!

De todas as coisas que conquistei na vida
Você tem um lugar de destaque.
Obrigado por existir.
A vida é bela e breve como gotas de orvalho
Em instantes aparece e logo se dissipa
Aos primeiros raios do tempo.
Por ser fascinante e efêmera, deveríamos
Transformar lágrimas em sabedoria
E perdas em maturidade
Escrever os capítulos mais nobres nos dias mais tristes
E ser um explorador não apenas do planeta Terra,
Mas do planeta Mente.
Inclusive da mente do homem mais inteligente da história.

_____ /___ /___

SUMÁRIO

Prefácio	7
1 A era dos mendigos emocionais	10
2 Terremotos emocionais	21
3 Perdas irreparáveis	29
4 Humanidade em chamas	35
5 O Muro das Lamentações	44
6 Manuscritos do Mar Morto	50
7 Um homem questionador	56
8 Um vendaval na mente de Paulo e Lucas	65
9 Os impactos da mesa-redonda	72
10 Lucas, um biógrafo lógico e detalhista	82
11 Maria, uma educadora ousadíssima	89
12 Maria, uma mulher analítica e ousada	99
13 Um menino surpreendente	108
14 O <i>Magnificat</i> : uma tese sociológica	118
15 Fatos estranhos nos bastidores do debate	128
16 O mundo ruindo aos pés de Marco Polo	135
17 Um menino alegre que viveu há dois mil anos	146
18 O estranho homem de marketing de Jesus	150
19 Jesus e os mais dramáticos testes de estresse	161

20	O teste do poder político e religioso	168
21	O quarto teste de estresse: humilhação pública	173
22	O inconsciente dos debatedores	183
23	Marco Polo perdendo quem mais ama	190
24	Uma fama incontrollável e surpreendente	198
25	A escolha “errada” dos discípulos	210
26	A passagem que Lucas não contou	217
27	Crescendo em sabedoria	222
28	Marco Polo: o terremoto emocional	229
29	Michael e sua filha: os impactos da mesa-redonda	240
30	O ataque terrorista	247
31	O sermão da montanha: o mais fascinante tratado sobre a felicidade	253
	Agradecimentos	265

PREFÁCIO

Provavelmente fui mais cético e crítico do que os grandes ateus da história, como Marx, Nietzsche, Diderot, Freud, Sartre. Ao produzir uma das poucas teorias da atualidade sobre o funcionamento da mente e o processo de formação de pensadores, tornei-me há muitos anos um ateu científico, enquanto a maioria dos ateus notáveis foi, na realidade, composta de antirreligiosos.

Apesar dos meus limites, resolvi estudar de forma detalhada a mente do personagem mais famoso da história sob critérios psicológicos, psiquiátricos, psicopedagógicos e sociológicos. Esperava, ao estudar a personalidade de Jesus, encontrar uma inteligência comum, pouco criativa, pouco analítica, pouco instigante, sem gestão da emoção, ou então um “herói” mal construído por galileus. Entretanto, fiquei perplexo. Tornei-me um ser humano sem fronteiras.

O resultado dessa prolongada pesquisa, que levou mais de 15 anos, compõe esta obra, *O homem mais inteligente da história*, que se constituirá de vários volumes. Creio que, se não tivesse 30 anos de experiência como pesquisador e profissional de saúde mental – com mais de 20 mil atendimentos –, não teria condições de escrevê-la. Apesar disso, a fim de ter mais liberdade para expressar meu processo de produção de conhecimento, preferi escrever em forma de romance.

E fico feliz com o fato de que, assim como alguns de meus livros estão sendo adaptados para as telas do cinema pela Warner/Fox – como *O vendedor de sonhos*, *O futuro da humanidade* e *Petrus Logus* –, esta

obra se tornará um seriado internacional. Recentemente, um notável cineasta me pegou pelo braço e confessou que filmar uma série baseada em *O homem mais inteligente da história* será seu mais importante projeto de vida!

O psiquiatra e cientista Marco Polo é o protagonista desta obra. Durante uma importantíssima conferência promovida pela ONU em Jerusalém para discutir o futuro do planeta Terra, ele abalou os presentes ao falar sobre a preservação de outro planeta, o *planeta emoção*: “Antes de os recursos da Terra se esgotarem, esgota-se primeiro a mente humana”, declarou ele.

Questionado sobre quais pensadores foram bons gestores da emoção, Marco Polo comentou: “Todos os que eu estudei falharam: Freud, Einstein, Gandhi, Nietzsche...”, deixando a plateia em choque. Mas, em seguida, uma socióloga americana lançou a pergunta fatal: “E Jesus? Ele foi um bom gestor da emoção?” Marco Polo foi categórico: “Como sou ateu, não discuto religião em minhas conferências.”

Porém a plateia de intelectuais, sabendo que ele estudava o processo de formação de pensadores, o desafiou a estudar a mente de Jesus sob a luz das ciências humanas. Ele resistiu muito, mas por fim montou uma mesa de notáveis para refletir e analisar a inteligência de Cristo.

Talvez pela primeira vez na história o intelecto de Jesus será estudado sob parâmetros seríssimos como habilidade de lidar com perdas e frustrações, resiliência, autocontrole, capacidade de proteger a emoção e ferramentas para formar mentes brilhantes.

Marco Polo pouco a pouco descobrirá que ele mesmo, as ciências humanas e todas as religiões erraram dramaticamente em não ter estudado Jesus em termos científicos. A mente do mais famoso personagem de todos os tempos é muito pouco conhecida, inclusive pelos bilhões de seres humanos das mais diversas religiões que o admiram...

Com a avalanche de estímulos estressantes que viveu desde a infância, Jesus tinha muitos motivos para ter depressão e ansiedade. Mas ele geriu sua emoção? Desenvolveu uma saúde mental sólida? Teve autocontrole nos focos de tensão? Como educador, tinha tudo para

fracassar, pois escolheu um time de jovens com vários transtornos de personalidade e que só lhe davam dor de cabeça. Mas será que ele usou técnicas psicológicas modernas para transformar pedras brutas em obras de arte? Ele teve êxito?

O mundo comemora o nascimento de um menino cuja personalidade não conhece e não sabe como se formou. Surpreendi-me muitíssimo com essa análise e provavelmente muitos ficarão surpresos e até perplexos com *O homem mais inteligente da história*.

Julgue por si mesmo!

DR. AUGUSTO CURY

1

A ERA DOS MENDIGOS EMOCIONAIS

O Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, a ONU, deu início à reunião de emergência sobre a violência no mundo. Os principais líderes políticos das nações, assim como pensadores das mais diversas áreas, estavam presentes. Os números mostravam um aumento assustador da violência não apenas nos países pobres e emergentes, mas também nas nações mais ricas.

– *Bullying* nas escolas, violência contra mulheres e crianças, assédio moral nas empresas, agressões sexuais, corrupção na política, sabotagem no mercado, exclusão de imigrantes, suicídios, homicídios, terrorismo. Enfim, o leque de violência nas sociedades modernas é enorme. Vivemos o apogeu do progresso material, o ápice da era digital, mas não estancamos a hemorragia da violência ao redor do mundo. Ao contrário, ela está aumentando... É incompreensível! – concluiu, preocupado. – Está aberto o debate para encontrarmos soluções sustentáveis.

Muitos presidentes, ministros e parlamentares fizeram suas considerações. Alguns poucos sociólogos também mencionaram o adensamento populacional, as crises econômicas, a exclusão social e outros tantos problemas como fatores agravantes.

Quando a conferência se aproximava do fim e os presentes já estavam cansados de ouvir as mesmas discussões, o Secretário-Geral retomou a palavra:

– A ONU agradece a participação dos líderes mundiais nesta grande conferência sobre as causas e soluções para a violência na era moderna. Faremos um relatório que será enviado a todas as nações, embora eu tenha a impressão de que ainda falta um diagnóstico adequado da questão.

– E falta mesmo! – proclamou Marco Polo, um psiquiatra pesquisador que estava entre os espectadores.

Estressado, o Secretário-Geral advertiu:

– Sinto muito, senhor, mas o debate não está aberto à plateia.

– As grandes ideias não são propriedade das lideranças políticas, mas da mente de quem as pensa – confrontou-o Marco Polo.

Pego de surpresa, o Secretário-Geral da ONU pensou melhor.

– Abrirei uma exceção. Seu nome?

– Marco Polo – apresentou-se de forma breve.

– Seja rápido, por favor. A hora está avançada – pediu delicadamente o Secretário.

Polêmico, ousado, provocador, Marco Polo sentiu-se à vontade:

– Senhoras e senhores, não apenas pisamos na superfície do planeta Terra, mas também na camada superficial do *planeta emoção*. Está em curso uma verdadeira explosão de transtornos psíquicos e sociais. E uma das grandes razões para isso é o fato de a educação clássica ter se tornado excessivamente cartesiana, lógica, linear, desprezando as habilidades socioemocionais capazes de proteger a psique. Se não mudarmos o paradigma fundamental da educação, seremos uma espécie inviável!

A plateia se agitou.

– Mudar o paradigma da educação? Como assim, senhor Marco Polo?

– questionou um intrigado ministro canadense que estava na primeira fila.

– A educação mundial precisa passar da era da informação para a era do Eu como gestor da mente humana! A primeira gera gigantes na ciência, mas crianças no território da emoção; a segunda cria seres humanos bem resolvidos, coerentes e altruístas.

O tema era completamente novo e, ao mesmo tempo, perturbador. As pessoas que haviam bocejado nos últimos discursos mostravam-se agora despertas.

– O que é ser gestor da mente humana? – questionou uma senadora americana. – Nunca ouvi falar dessa tese!

– Ser gestor da mente humana é saber gerenciar os pensamentos, proteger a emoção, libertar a criatividade e se tornar protagonista da própria história. A educação clássica crê que a maneira de formar mentes brilhantes é bombardear o cérebro com milhões de dados e fazer os alunos assimilá-los. Isso é um grande engano!

– Mas há séculos a educação é assim, detentora e transmissora das informações mais relevantes da sociedade – retrucou o ministro da Educação da França.

– Sim, doutor, mas essa educação não funciona mais, pelo menos não coletivamente. A mente dos nossos alunos mudou muitíssimo. Assim como não é possível dar tinta e pincéis a uma máquina e esperar que ela crie obras-primas como as que Da Vinci, Van Gogh e Rafael pintaram, não é possível formar obras-primas na tela da mente humana com esse estilo de educação. As pessoas precisam aprender a pensar coletivamente, a ser altruístas, a se colocar no lugar do outro e ser tolerantes às frustrações!

Nesse momento, Marco Polo pediu licença para fazer algumas projeções no telão. Ele sempre levava consigo um pen-drive com os vídeos e as animações que costumava utilizar em suas palestras. No entanto, seu pedido foi negado.

– Não será permitido. Está tarde, senhor – falou com arrogância um assistente do Secretário-Geral.

– Se a plateia não quiser me ouvir, sento-me agora – respondeu com segurança Marco Polo.

Isso fez a plateia chiar. Os espectadores agora pareciam sedentos por ouvir as novas ideias que o psiquiatra trazia.

O pedido foi então reconsiderado. Autorizado pelo Secretário-Geral, Marco Polo entregou seu pen-drive ao técnico responsável e começou a mostrar imagens reais: carros sendo conduzidos de maneira irresponsável, em alta velocidade, desrespeitando as normas de trânsito e causando acidentes horríveis. Em seguida completou:

– Nosso intelecto é um veículo mental complexo e o dirigimos de forma irresponsável. Por quê? Porque as escolas e as universidades não educam o Eu, que representa a capacidade de escolha, o livre-arbítrio, a consciência crítica para estar ao volante. Um olhar atravessado estraga o dia, uma crítica asfíxia a semana, uma traição pode comprometer uma vida.

– Está sugerindo que estamos na infância do Eu como diretor da mente? – indagou o primeiro-ministro francês, indignado.

– Sim. É isso que estou afirmando! – respondeu com convicção.

Em seguida, com o cuidado de preservar a identidade das pessoas envolvidas, projetou no telão situações gravíssimas que mostravam jovens contrariados se mutilando e garotas anoréxicas, só pele e ossos.

– E sabem por que essas meninas estão magras como os pobres famintos da África subsaariana? – indagou Marco Polo. – Porque se sentem gordas. A ditadura da beleza está matando nossos jovens por dentro.

Em seguida mostrou cenas de pessoas anônimas cometendo os mais diversos tipos de violência e até assassinatos por motivos banais.

– Pequenas contrariedades geram reações desproporcionais. Estamos na era do descontrole emocional.

Era possível perceber a perplexidade no rosto dos que assistiam à apresentação de Marco Polo. Um político famoso que estava na primeira fileira lembrava silenciosamente que no dia anterior gritara com a esposa como se ela fosse sua escrava: “Saia da minha frente, sua débil mental! Esse terno não combina com essa gravata!” Sentia-se envergonhado.

Marco Polo seguia com a apresentação:

– As vacinas nos protegem contra viroses, mas quais vacinas podem prevenir a violência e os transtornos psíquicos? Sem mudar a educação, é impossível. Qual delas você daria a quem você ama? Normalmente nenhuma! Estamos acostumados a dar broncas, apontar falhas, tecer críticas...

– Mas quem tem dentro de si um manual de regras de comportamento não faz um bom trabalho educacional? – questionou um senador republicano dos Estados Unidos.

– Desculpe-me, mas quem possui apenas um manual de regras está apto a consertar máquinas, não a formar mentes brilhantes.

Depois desse comentário, Marco Polo ainda complementou:

– A falta de proteção da emoção é a maior de todas as violências, e a cometemos contra nossos próprios filhos!

– Como podemos mudar isso, doutor Marco Polo? – perguntou o Secretário-Geral, abalado.

– Há muitas ferramentas à nossa disposição: podemos ser mais lentos para reagir e mais rápidos para pensar; ser empáticos e nos importar com a dor dos outros; ter consciência de que por trás de alguém que fere há uma pessoa ferida; pensar como humanidade e não apenas como grupo social... E todas essas ferramentas estão relacionadas com a gestão da própria mente.

Em seguida o pesquisador mostrou que na atualidade levamos o veículo mental, a construção dos pensamentos, a uma velocidade nunca antes vista. Por isso é fácil perder o autocontrole!

– Mas... mas... nunca ouvi falar nisso – comentou um líder alemão.

– Mas agora é tempo de ouvir! Hoje uma criança de 7 anos possui mais dados que imperadores romanos. Uma de 9 anos possui mais informações que Sócrates ou Platão. Isso não é suportável. O excesso de informações não utilizadas torna-se lixo intelectual. Esgota o cérebro. Em média, quem tinha mais informações: Einstein ou os bons engenheiros e físicos da atualidade?

– Einstein? – disse um ministro da Educação europeu.

– Errado, senhor. São os engenheiros e físicos da atualidade. Mas por que não produzem ideias complexas como as que o jovem Einstein produziu aos 27 anos, no tosco escritório de patentes em que trabalhava? O que forma um pensador não é a quantidade de dados, mas sua organização.

Marco Polo projetou algumas animações reveladoras. Crianças e adolescentes conectados o dia todo no celular, mas desconectados de si mesmos. De repente, diante da menor contrariedade, tinham reações explosivas. Também mostrou crianças dormindo mal e outras acordando de madrugada para acessar as redes sociais. Pareciam zumbis.

– Mas a era digital trouxe ganhos inegáveis! – questionou uma líder indiana.

– Sim, inclusive um aumento cognitivo e uma melhora do raciocínio lógico e da produtividade. Mas também trouxe prejuízos gigantescos. Não podemos fechar os olhos para isso. Milhões de jovens são vítimas de intoxicação digital. – E Marco Polo explicou melhor: – Tire-lhes os celulares e muitos terão sintomas de abstinência como as geradas pela dependência de drogas! Ansiedade, insatisfação crônica, impaciência, baixa tolerância a frustrações, um tédio atroz quando sentem que não têm nada para fazer.

– Mas estamos na era da democracia, somos livres em nossas escolhas... – defendeu um filósofo suíço.

– Mas, senhor, eu asseguro, nunca nas sociedades democráticas houve tantos escravos no único lugar em que é inadmissível ser um prisioneiro: na própria mente.

– Mas o desenvolvimento tecnológico levou ao aumento da expectativa de vida. Não podemos condená-lo. Vivemos o dobro do tempo que os romanos viviam! – disse uma líder italiana, especialista em saúde pública.

– A tecnologia levou a ganhos importantíssimos. No passado uma amigdalite matava. Mas precisamos ver o outro lado da moeda social. Vivemos em média 80 anos, mas a mente humana está tão estressada pelo excesso de informações que hoje em dia 80 anos passam como se fossem 20 no passado.

– Então nosso sistema virou uma fábrica de doidos. Para o senhor, estamos vivendo mais em termos biológicos e morrendo mais cedo em termos emocionais, é isso? – indagou um político francês.

– Tenho certeza de que estamos vivendo esse paradoxo. Essa é uma violência subliminar contra nós mesmos, mas não catalogada pela ONU nem discutida neste debate. Não parece que dormimos e acordamos com a idade que temos hoje, senhoras e senhores?

– O doutor Marco Polo tem razão. Algumas pesquisas indicam que esse ritmo frenético nos torna mais individualistas e insatisfeitos.

Estamos na era da indústria do lazer, mas nunca tivemos uma geração tão triste. Esse é outro grande paradoxo – afirmou Michael, um neurocientista que mais tarde se tornaria amigo de Marco Polo.

– Estamos na era dos mendigos emocionais – concluiu Marco Polo.
– Muitos dos senhores aqui trajam ternos e gravatas de marca, mas não poucos mendigam o pão da alegria. Essa é outra autoviolência.

Houve um burburinho na plateia.

– Quer dizer então que as sociedades modernas viraram um manicômio a céu aberto? – bradou um político russo.

As pessoas ficaram inquietas. Estavam ali para discutir a violência dos outros, e não sabiam que eram violentas consigo mesmas. Marco Polo mencionou também a multiplicação do número de mendigos na França do século XVIII. Devido às guerras, corrupção política e conflitos sociais, produziram-se tantos miseráveis que era possível tropeçar nos famintos que viviam nas ruas. Mas hoje estamos na era dos miseráveis emocionais. E citou um país jovem, ensolarado e alegre, o Brasil:

– Por exemplo, na cidade de São Paulo, no período de 2002 a 2012, o índice de suicídios entre jovens aumentou 42%.

– Que loucura é essa? Se isso acontece no Brasil, para onde caminha a humanidade? – comentavam as pessoas umas com as outras.

Marco Polo completou:

– A FAO, órgão da ONU responsável pela segurança alimentar, como os senhores devem saber, detectou que há 800 milhões de pessoas passando fome no mundo. Um problema intolerável. – E, fitando os olhos do Secretário-Geral, que estava perturbado com a exposição, apontou: – Mas as estatísticas não dizem que há bilhões de mendigos emocionais, alguns morando em belos apartamentos e em casas confortáveis.

A plateia irrompeu em aplausos. Marco Polo ia encerrar sua fala, mas as pessoas solicitaram que continuasse. Um político argentino inclusive comentou algo muito sério, mas de modo engraçado:

– Onde há um restaurante emocional, doutor Marco Polo? Sou

impaciente, reclamo muito, detesto quando meu notebook ou celular demora para ligar. Sou um faminto emocional.

Muitos sorriram e o aplaudiram. Marco Polo comentou:

– A principal característica dos mendigos emocionais é fazer pouco do muito. Por exemplo, os pais têm pavor de que os filhos se tornem dependentes de drogas, mas, sem perceber, viciam o cérebro deles com excesso de estímulos.

De repente, uma das maiores empresárias da Espanha, que dava o mundo aos filhos, mostrou-se preocupadíssima:

– O excesso de presentes pode prejudicar nossos filhos?

– Pode ser uma violência contra a saúde emocional deles, senhora. Pode levá-los a precisar de cada vez mais estímulos para sentirem algumas migalhas de prazer. Não são apenas as drogas que causam dependência – alertou Marco Polo.

Os líderes estavam muito perturbados; muitos caíam nessa armadilha. Então o psiquiatra projetou a imagem de uma criança africana soltando pipa, feliz da vida. Depois a de outra correndo atrás de animais, sorrindo, como se tivesse mergulhado num oásis de prazer. A seguir, mudou a paisagem, mostrando uma animação em que um menino fazia birra: “Eu quero mais!” Outra gritava com a mãe: “Você tem que me dar um celular novo!” Comportavam-se como pequenos reis que faziam dos pais seus serviçais.

“Meu Deus, o que estou fazendo com meus dois filhos...”, disse a si mesma a empresária. “Dou presentes quase todos os dias e quanto mais dou, menos agradecem, mais reclamam e mais infelizes ficam.”

– O risco de pais abastados gerarem desnutrição emocional e ansiedade é maior do que o de pais pobres... – completou Marco Polo.

Os líderes mundiais esfregavam as mãos no rosto, assustados. Representavam a elite de seus países.

– Você nos tirou o chão, doutor Marco Polo. Discutimos violência neste congresso, mas não a que praticamos com nossos filhos – falou o ministro da Defesa da Alemanha. – Para mim, basta. Precisamos repensar nossas atitudes violentas.

Marco Polo não podia mais se calar. Antes da saída do ministro da Defesa, ele jogou mais uma bomba emocional no colo da plateia:

– Por favor, procurem dar aos seus filhos o que o dinheiro não pode comprar: sua presença e sua história. Ensinem-lhes a contemplar o belo. Esse é o presente dos presentes!

– Contemplar o belo é o mesmo que admirar o belo? – indagou o ministro ainda de pé.

A resposta o fez sentar-se:

– Não! Até um psicopata como Adolf Hitler admirava o belo. Ele acariciava sua cadela Blondi com uma das mãos e com a outra telefonava aos seus subordinados ordenando guerras irracionais. Era vegetariano, não queria que os animais sangrassem, mas não se importava que crianças e mulheres sangrassem nos campos de concentração. Admirar o belo é uma experiência fugaz. Contemplar o belo é se entregar atenta e detalhadamente.

As pessoas se entreolhavam. O Secretário-Geral da ONU indagou:

– Os grandes pensadores da história porventura contemplavam o belo?

– Raramente. Einstein era depressivo; Kafka, pessimista; Van Gogh, hipersensível; Nietzsche, mórbido. O sucesso financeiro, político, intelectual, se não for trabalhado, gera insucesso emocional, leva a uma psicoadaptação ao próprio sucesso, fazendo com que as pessoas precisem de “muito” para sentir “pouco”. Celebidades, à medida que ascendem na carreira, asfixiam o prazer de viver...

Terminou comentando que muitos milionários, conforme enriquecem mais e mais, tornam-se sem perceber miseráveis morando em palácios.

– Estou assustado... Entrei rico e saí mendigo da sede da ONU! – brincou um empresário do vale do Silício.

Todos deram gargalhadas.

– A emoção é democrática, senhoras e senhores, ela se alimenta especialmente das coisas simples e anônimas da vida.

De repente, uma pergunta inesperada e difícil de responder tumultuou ainda mais o ambiente:

– E Jesus Cristo, sabia contemplar o belo? – indagou um líder do Parlamento britânico.

Marco Polo parou, respirou profunda e prolongadamente e respondeu:

– Respeito os que aderem a alguma religião, mas sou ateu. Para mim, Deus é uma ideia construída pelo cérebro humano, que, por ser apaixonado pela vida, não suporta seu caos na solidão de um túmulo... Portanto, não vou discutir religião aqui.

Mas o líder do Parlamento britânico o confrontou:

– Eu não perguntei se o senhor crê em Deus ou não. Perguntei se o personagem Jesus era saudável, feliz, se contemplava o belo! – insistiu.

Marco Polo respirou lentamente. O clima ficou tenso na reunião da ONU.

– Nunca estudei sua personalidade, mas as religiões cristãs vendem a ideia de que Jesus Cristo era um homem triste, intimista, que carregava o mundo nas costas, com baixo nível de alegria.

De repente, uma ouvinte ficou de pé e, em sintonia com o político inglês, desafiou Marco Polo:

– Sei que você estuda o processo de formação de pensadores, doutor. Você é muito ousado, mas parece que tem medo de investigar a mente de Jesus sob o ângulo das ciências humanas – comentou aquela psicóloga sem meias palavras.

Todos ficaram espantados com a audácia da mulher.

– Medo, eu? – disse Marco Polo, olhando bem nos olhos dela.

– Sim, medo, o velho cárcere humano! Por que você não aceita o desafio de investigar os amplos aspectos da inteligência de Jesus?

Silêncio geral na plateia. Marco Polo partiu para o ataque:

– A senhora acha correto me pressionar diante desta nobre plateia de líderes mundiais? – falou, aparentemente indignado.

– Sem dúvida que sim! – afirmou ela.

Um burburinho tomou conta do lugar. O Secretário-Geral da ONU se levantou para tentar moderar a situação. Em seguida Marco Polo indagou, mais sério ainda:

– Qual é o seu nome?

– Anna.

Então ele abriu um sorriso e comentou:

– Vou pensar no seu questionamento, Anna. Mas antes quero dizer publicamente que eu te amo...

Ninguém entendeu nada. Após um silêncio cálido, ele explicou:

– Bom, preciso gerir minha mente, pois até minha esposa está me estressando...

Quando ficaram sabendo que Anna era sua mulher, todos sorriram, se levantaram e irromperam em aplausos. Enxergaram neles um casal incrível, espontâneo e inteligente. E nesse clima Marco Polo encerrou sua participação.

Muitos saíram da reunião da ONU transformados; alguns, reflexivos; outros, atordoados. Perceberam que não sabiam dirigir o veículo mental, queriam liderar o mundo, mas não eram líderes de si mesmos. Estavam no rol dos mendigos emocionais, vivendo de migalhas de prazer.

2

TERREMOTOS EMOCIONAIS

Anna, a mulher de Marco Polo, era uma psicóloga brilhante. Sua mãe sempre fora depressiva e, infelizmente, havia tirado a própria vida quando ela ainda era criança. Teve de se reinventar para sobreviver. Seu pai, Dr. Amadeus, era um exemplo clássico do homem que empobreceu à medida que enriqueceu. Era autoritário, insensível, controlador, cobrador.

A doença de sua mãe a estimulou a especializar-se em depressão, o último estágio da dor humana. Marco Polo foi um ponto de virada em sua história, um novo capítulo em sua biografia, que contribuiu muito para que ela se tornasse dócil e resoluto, generosa e determinada. Seu objetivo principal como profissional de saúde mental era instigar seus pacientes a serem autônomos.

Seu pai tentou de todas as formas impedir a relação dos dois. Ter uma filha psicóloga já era complicado para um megaempresário cujo deus era o dinheiro. Agora, ter um genro psiquiatra, amigo dos “esquizofrênicos”, era intragável e revelava as próprias loucuras do Dr. Amadeus.

– Minha filha, você tem uma vida de rainha. Viver com esse psiquiatrazinho sem dinheiro e saturado de romantismo intelectual fará com que você, cedo ou tarde, caia na realidade. Certamente engordará as estatísticas dos relacionamentos fracassados.

Marco Polo chegou sem que fosse notado e ouviu a conversa do pai com a filha. Sempre seguro, interveio com convicção:

– Quem ama sem riscos ama sem glórias!

Pego de surpresa, Dr. Amadeus não pediu desculpas. Aliás, desculpas não faziam parte do dicionário de sua vida. Confrontou-o:

– Só que alguns riscos são estúpidos e irracionais... O padrão de vida da minha filha vai despencar e você não vai conseguir supri-lo sem minha ajuda.

– Não precisaremos da sua ajuda – afirmou Anna.

– É o que os filhos rebeldes sempre dizem – rebateu o pai com raiva, afastando-se.

Refém do passado, no início do relacionamento Anna era possessiva, ciumenta, hipersensível, sempre procurando uma atenção desproporcional de Marco Polo. Uma pequena distração que fosse gerava dramáticas cobranças. O médico estimulava sua consciência crítica, pois sabia que ninguém se casa apenas com uma pessoa, mas também com os fantasmas do seu passado e com sua família.

– Uma pessoa emocionalmente mal resolvida tem um amor insaciável, que sempre procura no outro o que não tem dentro de si, dizia.

Anna se abalava com as palavras do namorado. Procurava digeri-las dia e noite.

– Eu sei, Marco Polo. Não quero que seu amor me liberte. Tenho que aprender a ser livre. Mas o que quero, na verdade, é que seu amor me dê asas para voar mais longe.

– O ciúme é a falta de si mesmo em primeiro lugar, e não do outro. Se você se abandonar, serei incapaz de saciá-la – dizia Marco Polo com frequência.

Anna aos poucos resolveu a difícil equação da possessividade. A partir daí começaram a ter uma relação riquíssima. Por fim, contra todos os esforços de seu pai, casaram-se. Porém a convivência tumultuada com o Dr. Amadeus se abrandou – embora jamais tenha sido solucionada –, com o nascimento do único filho do casal, Lucas, um garoto esperto, sociável e bem-humorado.



Com o passar dos anos Marco Polo conquistou fama internacional. Era ousado, tranquilo, um profissional humilde e notável, acima de tudo um pesquisador perspicaz. Era capaz de manter a serenidade mesmo em tempos de crise. Porém todo ser humano tem seus limites. Manter o autocontrole diante da dor dos outros é uma coisa, mas diante da nossa própria dor, sobretudo quando perdemos quem mais amamos, é outra coisa. Havia chegado o seu momento de beijar a lona da fragilidade.

Marco Polo vertia lágrimas inconsoláveis. Estava perdendo sua eterna namorada, Anna.

– Por quê? Por quê? – se perguntava.

Colocava as mãos sobre a cabeça, enxugava as lágrimas de seu rosto e andava de um lado para outro.

– Eu te amo, querida. Não parta tão cedo! – dizia a si mesmo em voz alta. – Vi tantas pessoas devastarem sua personalidade por causa de perdas irreparáveis. Agora estou sendo devastado! Que dor é essa...?

A solidão branda é criativa, a solidão intensa é abortiva. Marco Polo sentou-se na poltrona em que costumava ler as biografias dos grandes personagens da história e escrever seus textos, mas não conseguia pensar. A mesa de mármore travertino polido nunca fora tão fria. À sua frente, vários de seus livros empilhados, alguns deles publicados em diversos países. Naquele momento Marco Polo não era o psiquiatra famoso nem o cientista e escritor arguto, mas um ser humano fragmentado tentando assimilar o próprio caos.

Era comum ter surpresas agradáveis quando se sentava nessa poltrona. Anna, sempre generosa, trazia-lhe uma fruta, um café, um suco ou lhe fazia uma carícia na cabeça.

– Você não me deixa pensar – brincava ele.

Questionadora, ela frequentemente lhe fazia perguntas sobre os textos que elaborava. Marco Polo lembrou-se de seus últimos questionamentos.

– Que pensador você está estudando agora?

– Alguns filósofos existencialistas: Nietzsche, Merleau-Ponty, Sartre.

– Como eles saíram da curva e produziram novas ideias?

Marco Polo falava das suas anotações com entusiasmo. Tinham longas e agradáveis conversas. Estudar o processo de formação de pensadores era extenuante, mas ter Anna ao seu lado era como ter um perfume a inspirar sua mente. Nesse dia ele produziu algumas conclusões que a deixaram muito pensativa:

- Qual é a maioria civil, Anna?
- Dezesesseis ou 18 anos, dependendo da sociedade.
- E qual é a maioria emocional? – indagou ele.
- Nunca refleti sobre isso.

– Há muitas pessoas de 50 ou 60 anos que ainda são imaturas. Não sabem sequer ser contrariadas nem reconhecer minimamente seus erros. O mundo tem de girar à sua volta, pois têm a idade emocional de 10 ou 12 anos.

– Que idade emocional terá meu pai? – indagou ela pensativa.

– É um garoto no corpo de um homem de meia-idade. – Depois, respirando lentamente, ele brincou com ela: – Não foi fácil cativar você.

– Eu é que conquistei você, mocinho. Ainda bem que você sabe fazer escolhas... – disse ela agarrando sua camisa e o beijando.

Era assim a relação entre Anna e Marco Polo, regada de afeto, serenidade e bom humor. Mas agora ele estava experimentando a solidão árida de um deserto. Anna estava morrendo. Subitamente, seu celular tocou, trazendo-o de volta para a duríssima realidade.

– Marco Polo?

Seu coração disparou. A notícia mais amarga que um ser humano poderia receber estava prestes a ser anunciada.

– Sim!

– Aqui é... Matheus. – Era seu amigo pneumologista.

– Matheus, como Anna está?

Matheus embargou a voz. Não conseguia proferir aquelas palavras, pois era muito amigo de Anna também.

– Eu já sei, amigo... Anna fechou os olhos... para a vida... – antecipou-se o psiquiatra, que há pouco deixara o hospital.

– Ainda não, meu amigo – comentou o pneumologista com a voz embargada.

– Ah, felizmente. Como ela está? – indagou Marco Polo, com os olhos cintilantes pelas lágrimas que brotavam.

– Está inconsciente... em coma induzido. Teve duas paradas cardíacas. Conseguimos ressuscitá-la, mas... mas... dificilmente suportará uma terceira... Está com falência múltiplas de órgãos...

– Falência múltipla?! – exclamou Marco Polo, inconformado.

Estava vivendo um verdadeiro terremoto emocional.

– Sinto muito, amigo... Você está perdendo sua esposa... E eu e Cláudia, uma grande... amiga – disse o Dr. Matheus, não contendo também suas lágrimas. – Bom, você está mais preparado... para suportar essa perda... Agora é tempo de preparar o Lucas...

Dar a um filho a notícia de que nunca mais ouviria a voz da mãe ou teria seus abraços e beijos é a última coisa que um pai espera fazer. Marco Polo sentou-se novamente na poltrona e refletiu sobre isso. A saudade retirava o oxigênio da sua emoção.

Lucas estava em Miami, passando férias na casa do avô. Logo que o filho partiu, Anna começou a manifestar os sintomas de uma doença pulmonar autoimune rara e de evolução rápida, pegando todos os médicos de surpresa, inclusive Marco Polo. Esperava diariamente que ela se recuperasse, por isso não contara a gravidade da doença para Lucas. Mas Anna piorava cada vez mais.

Quando Marco Polo pegou o celular para lhe dar a triste notícia, outro terremoto emocional abalou ainda mais seus alicerces. Ele recebeu a ligação de um policial americano.

– *Mister* Marco Polo?

– Pois não.

– Aqui é da polícia de Miami, 25º distrito.

Marco Polo gelou por dentro.

– Aconteceu alguma coisa com meu filho Lucas?

– Infelizmente sim!

– Um acidente? – indagou quase sem voz.

– Não.

Marco Polo respirou um pouco mais aliviado. O chefe do distrito continuou:

– Porte de drogas!

– Porte de drogas? Um menino de 16 anos está portando drogas? Mas ele nunca usou drogas!

De fato, Lucas nunca usou drogas. Até 15 dias antes.

– Os pais são sempre os últimos a saber.

– Que drogas?

– Cinco gramas de cocaína.

– Cocaína? Mas ele nem sequer tem dinheiro para comprar isso!

– E cometeu outra infração. Estava dirigindo sem licença.

– Como é possível? Não tem carro à disposição dele, que está passando férias na casa do...

Mas em seguida Marco Polo caiu em si e sussurrou abalado:

– Doutor Amadeus...

– O quê? – indagou o chefe do distrito policial.

– Pensei alto. Posso falar com meu filho?

– Sim – respondeu o policial e passou o telefone a Lucas.

– Filho...? Lucas...?

Mas Lucas só chorava.

– Filho, fale comigo.

– Me desculpe, papai... Me desculpe... – disse o garoto aos prantos.

– Sempre estimei você a valorizar a vida, filho... Cocaína cria uma gravíssima dependência psicológica. Gera um cárcere emocional terrível.

– Eu sei, papai. Foram só algumas experiências... Sou o pior filho do mundo...

Marco Polo não sabia qual dor era maior, a perda da esposa ou a perda do filho.

– Não diga isso, meu filho. Eu te amo. Quando você começou a usar? Seja honesto, por favor!

– Foi aqui em Miami. Experimentei no segundo dia depois que cheguei. Alguns amigos que conheci aqui...

– Não são amigos, meu filho.
Lucas continuava muito abalado, chorava.

– Acalme-se, filho... Existem dores piores que essa...

– Piores, papai? Como? O vovô está furioso. Disse que sou um merda, que envergonho a família, que não vou ser nada na vida!

– Não, não, meu filho... você é um garoto maravilhoso. Vamos transformar esse erro num grande acerto. Deixe-me falar com seu avô.

O Dr. Amadeus pegou o telefone falando de maneira ríspida:

– Que educação você deu para seu filho? Você não é um psiquiatra famoso?

– Sou um ser humano sujeito a erros. Não diminua seu neto, doutor Amadeus. Ele precisa de você neste momento difícil.

– Tenho que limpar a sujeira dele. E você ainda vem me dar lição de moral? – disse o sogro, sem qualquer compaixão.

Nem sequer perguntou sobre o estado de saúde da filha, mesmo sabendo que ela estava na UTI.

Marco Polo, profundamente ferido, elevou o tom de voz:

– Você deu dinheiro sem controle ao Lucas e deixou um carro à disposição dele sem que ele tivesse licença para dirigir?

– Está me chamando de irresponsável? Você fracassa como educador e ainda me culpa, seu... seu...

– Nem perguntou sobre sua filha. Não consegue ser generoso nem quando Anna... está perdendo a vida...

Quando Marco Polo falou do estado de Anna, o Dr. Amadeus caiu em si e silenciou pela primeira vez. Tremendo, disse:

– Anna está...?

Lucas ouviu as palavras do avô e entrou em pânico.

– O que foi, vovô?

– Infelizmente Anna teve duas paradas cardíacas... – informou Marco Polo. – Está respirando com a ajuda de aparelhos... Eu estava prestes a ligar para vocês.

– Minha filha está morrendo... – disse o Dr. Amadeus, que nesse momento ficou mudo e deixou o telefone cair.

Desesperado, o menino pegou o aparelho e falou com o pai:

– Pai... papai... a mamãe está morrendo?

– Ah, meu filho, ela ainda está viva...

– A doença dela é séria?

– Infelizmente é. Ela respira com a ajuda de aparelhos.

– Não! Não! Mamãe não pode morrer! – disse Lucas, aos prantos.

– Mas vamos ter esperança... É melhor ficarmos juntos. Volte para casa.

Lucas desligou o telefone, desesperado. Eles foram liberados do distrito policial devido à urgência médica de sua mãe. O garoto teria de apresentar-se a um tribunal e passar por uma correção educativa em sua cidade. Seu avô deveria comparecer posteriormente para mais esclarecimentos. Apesar de detestar hospitais, o Dr. Amadeus não podia se recusar a visitar a filha num momento tão delicado.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/edorasextante



skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@sextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br